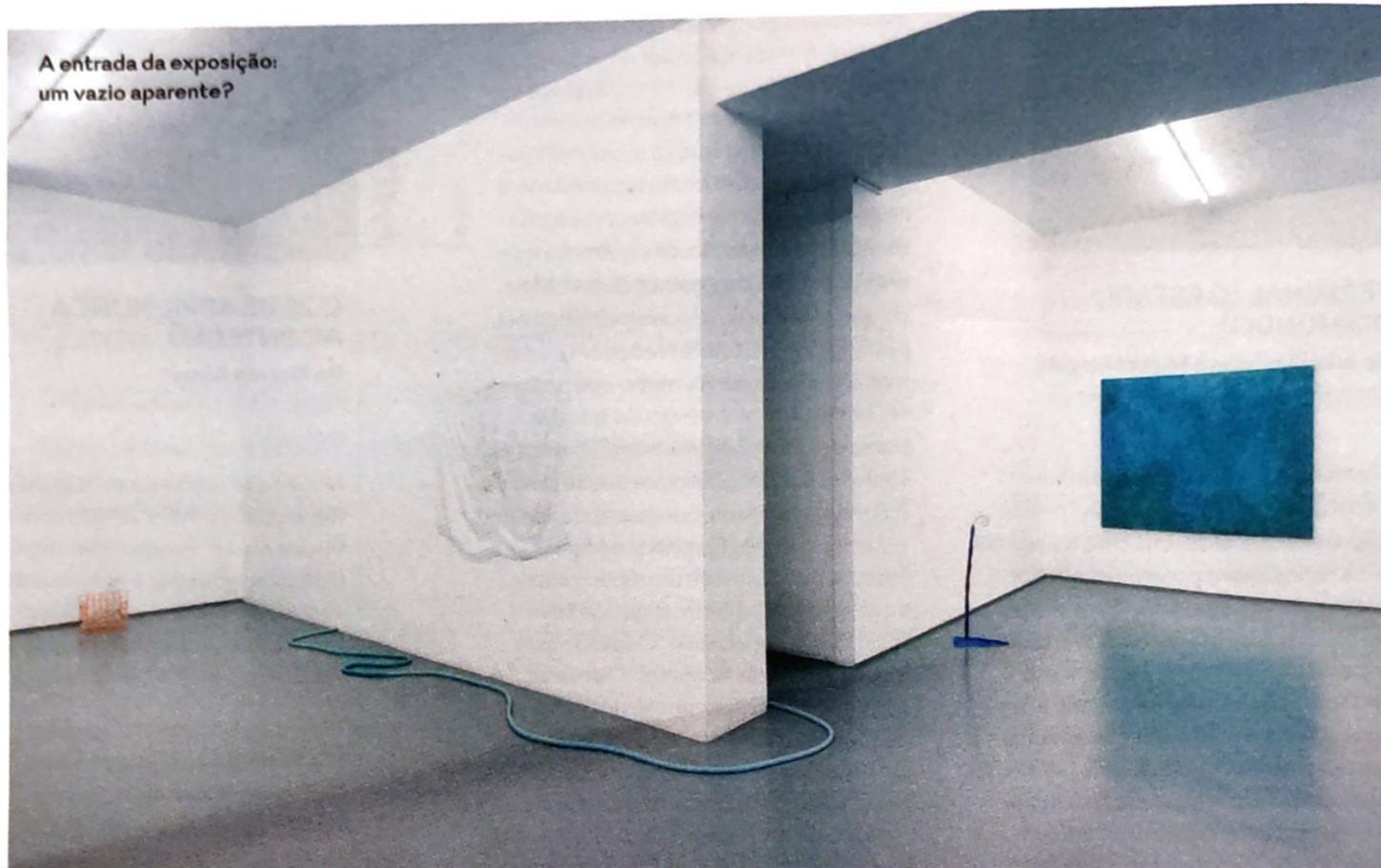


## Exposições

e@expresso.impreso.pt



BRUNO LOPES

# A teia das coisas

A memória desta exposição de Inês Brites é a de uma teia idêntica à que nos recebe, prendendo aleatoriamente coisas várias

TEXTO JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

O visitante fica imediatamente entre a desordem e um certo vazio, podendo repetir uma pergunta que se tornou clássica quando, numa exposição, é confrontado com algo que não espera: “Não há nada para ver?” Ou: “será que há alguma coisa para ver?”

O primeiro confronto é com a desordem num vazio aparente: na parede um pano branco, no chão um tubo, uma mangueira (?) jaz esquecida, também no chão, um cesto (?) guarda uma asa transparente. Aí já poderá perguntar sobre que coisa é essa que está para ali — estará esquecida? Depois, o visitante pode afinar o olhar; o pano branco tem consigo, dissimulada, como é próprio das armadilhas, uma teia de aranha. Olhando melhor, a teia já funcionou, prendendo dois mosquitos, assim ela prenda, ensinando a ver, o olhar do visitante — o título, seguindo o (mau) costume do uso do inglês, “Catch me” (“apanha-me” ou “agarra-me”), também ajuda. Bom será ver como se chamam as peças de chão: “precauções” para o cesto que guarda uma asa e “água-cheia”

para o tubo que, afinal, é um guia mostrando o caminho ao visitante, dirigindo-o para a cave da galeria. Porém, antes da cave há mais para ver, sempre naquele jeito do olhar e do corpo que tanto tem que se dirigir para cima, onde uma gota de vidro parece suspensa antes de cair, para logo ter de descer para o “equilíbrio frágil” que é uma instável peça de chão, enquanto, mais acima, outras gotas de vidro de uma “chuva imprevista” suspendem o seu movimento. Depois, uma surpresa! Algo mais tradicional, um quadro de cavalete, um óleo sobre tela com 148x188 cm aguarda bem centrado na parede. O quadro é uma pintura monocromática onde se vai descobrindo um ponto escuro, uma mosca que, vista ainda mais de perto, são duas, copulando, e, aqui, o visitante entra no jogo e ri. Ao descer a escada, acompanhando o convite da “água cheia” que o conduz, o que vê disperso no espaço antes de entrar é semelhante ao que já encontrara. Contudo, mal entra são os pés que veem outra coisa: um chão elástico, espumoso e mole que vem perturbar a postura própria ao animal vertical. O andar torna-

se como um navegar sobre uma superfície ligeiramente agitada e as peças em cima, em baixo, ao lado, parecem brincar, continuam a brincar; algumas delas podem ser a continuação e a consequência das que se encontravam lá em cima — assim, “matéria-respiração” e “canções-soluços” serão a marca deixada pela queda dos pingos de vidro suspensos do andar superior? A memória desta exposição é a de uma teia idêntica à que nos recebe, prendendo aleatoriamente coisas várias, não tanto os fragmentos do quotidiano que Inês Brites (n. 1991) utilizou num passado recente, mas na predominância de um material, o epóxi, uma resina muito moldável à qual se junta o pano, o vidro, o alfinete, o silicone, a tela, o plástico, o metal, o óleo, sempre com o epóxi a reger uma orquestra de materiais utilizados numa mimese deliberada de fragmentos naturais, galhos, troncos, gotas de água, moscas, favos. A teia de aranha, capaz de captar as mais pequenas coisas vogando no espaço, é a melhor síntese para esta exposição que não mostra, mas inventa sempre, passo a passo, seja ele certo ou inseguro. ●

★★★★

ESTRELA-LÁGRIMA

Inês Brites

Galeria 3+1, Lisboa, até dia 27